

mana é tão absoluta que não podemos nos imaginar sem ela — assim como não dá para imaginar que um mais um perfaçam três.

O “como” é irrespondível. Só podemos supor que a força da vida começou sua conquista da matéria quando de alguma forma se dividiu em unidades, cada uma considerada “independente” do resto do universo. Chesterton responde ao “por que”: “Que cada coisa obediente à lei possa ter a glória e o isolamento do anarquista. Que todos os homens que lutam pela ordem possam ser corajosos e bons como o dinamiteiro”. O que simplesmente significa que sem individualidade a vida não conseguiria acumular essa mesma força desesperada. O homem da multidão é um fraco; pessoas que precisam de pessoas são as mais obtusas do mundo. E assim o paradoxo básico da natureza humana parece ser inerente à força da própria vida: sem desafio ou crise, as coisas ficam fáceis e ela se desmorona na mediocridade. Até agora, toda a vida sobre a terra teve de ser movida para a frente, como os escravos que antigamente tinham de ser açoitados para irem à batalha. Ela nunca possuiu um objetivo positivo — só o objetivo negativo de permanecer viva e evitar a dor. “O mal é dor física”, disse Leonardo, indo ao âmago da questão. A antiga pergunta teológica “Por que o mal?” é respondida pelo reconhecimento de que sem o mal sobreviria a mediocridade universal que acabaria em morte. É só neste ponto da história da Terra que isso deixou de ser inteiramente verdade. Com o desenvolvimento da arte, da ciência, da filosofia, o homem adquiriu a possibilidade de alcançar um objetivo positivo, um objetivo em direção ao qual ele pode mover-se para a frente ao invés de ser impulsionado por detrás. (É bem verdade que a religião sempre foi uma expressão desse objetivo. Mas a religião sempre se satisfaz com o paradoxal: “o mundo” precisa de alguma forma ser negado pelo “espírito”, sem procurar compreender por que isso teria de ser necessariamente assim.) Se fosse possível estabelecer o objetivo positivo como força propulsora do homem, isso representaria um momento decisivo na evolução, porque tal objetivo é muitas vezes mais forte do que o objetivo negativo de se evitar a dor. Por amor ou entusiasmo o homem faz coisas que por medo não conseguiria fazer. No momento, seu principal problema é fugir à estreiteza da banalidade cotidiana e captar a natureza de seu objetivo; o que, por sua vez, exigirá o desenvolvimento daquilo que Blake denominou “imaginação”, mas que seria mais exato chamar Faculdade X.

O universo parece fundamentar-se no princípio da individualidade, em que cada unidade de vida é uma espécie de oásis. Temos apenas de reconhecer que a individualidade transcende o corpo físico — ou seja, admitir que, como a morte, ela é instrumento da vida, e não consequência acidental —, para ver que a lógica nos leva a crer em alguma forma de “vida após a morte”, assim como na reencarnação. Todo o propósito da luta da vida contra a matéria é estabelecer a continuidade, superar o “esquecimento”; tal é o objetivo por trás do instinto, da memória racial e do ADN. Todas estas são formas de sobreviver à morte do corpo. Não existissem outras formas, seria — para dizer o mínimo — uma extraordinária perda de oportunidade.

Nathaniel Hawthorne sentia que os efeitos de Home em mediunidade e levitação eram interessantes, porém irrelevantes. Por quê? Por ser artista, e o artista ama ao mundo material. Da mesma forma que Camus a observar os grandes pássaros no céu de Djemileh, ele deseja sentir o peso de sua vida em cheio sobre os próprios ombros, e a conversa de vida após a morte soa como falsa promessa. O artista vê com clareza que a “solução” para a curiosa inobjatividade da maior parte da existência humana não é outra vida, mas os momentos ocasionais de intensidade de êxtase e de controle, quando este universo parece infinitamente interessante e a idéia de vida eterna, aqui, inteiramente deliciosa. Essa é uma idéia que se encontra no misticismo russo — em Fedorov, Dostoiévski, Rozano —, onde vida eterna significa vida, não em outro mundo. Por estranho que pareça, as Testemunhas de Jeová têm doutrina semelhante: depois do Juízo Final a Terra se transformará em Paraíso. Tudo isso explica por que o poeta descreve no depois da vida. Ele é menos inclinado do que a maioria dos homens a desvalorizar esta vida.

*mas estou de acordo.*

A teoria que apresenta resolve a contradição. O poeta está certo ao não confiar em “outros mundos” como solução para os problemas deste mundo. Se é correto meu raciocínio, então o “outro mundo” não se destina a ser solução. Estamos na linha de frente; o general está atrás, no quartel de comando; os “outros mundos” que existem entre nós e o quartel são unidades de apoio e depósitos de suprimentos, não um nível de existência mais elevado. Provavelmente há mais liberdade nesses níveis — a possibilidade de visão mais ampla, consciência mais aberta —, porém menos realizações efetivas. A possibilidade de realizações está aqui onde nos encontramos. Vemos a “resposta” ao enigma da existência física em todos os momentos de grande intensidade. “Deus é um fogo na cabeça”, disse Nijinsky. Quando o cérebro arde como fogueira, não mais precisamos perguntar por que estamos vivos. O objetivo é o controle total. Estabelecido esse controle, a vida se tornaria uma união: não mais haveria diferença entre “outros mundos” e este mundo. E não é isto que sugere o repentino renascer do espiritualismo no século XIX? O século XIX foi a Era do Romantismo. Pela primeira vez na história o homem parou de pensar em si mesmo como animal ou escravo, e se viu como deus em potencial. Todos os gritos de revolta contra “Deus” — De Sade; *Manfred*, de Byron; *Robbers*, de Schiller; *Fausto*, de Goethe, os gênios loucos de Hoffman — são manifestações desse novo espírito. Seria por isso que os “espíritos” decidiram fazer um esforço planejado e sistemático pela “comunicação”? Era o momento certo. O homem estava começando a entender a si mesmo.

Não me considero “ocultista”, por me interessar mais pelos mecanismos da consciência cotidiana. No passado, a principal característica do homem era seu “derrotismo”. Mesmo os gigantes do século XIX estavam mais inclinados a crer que a insanidade é refúgio válido para a “banalidade do cotidiano”. Mas a resposta reside na compreensão dos mecanismos. Uma vez com-